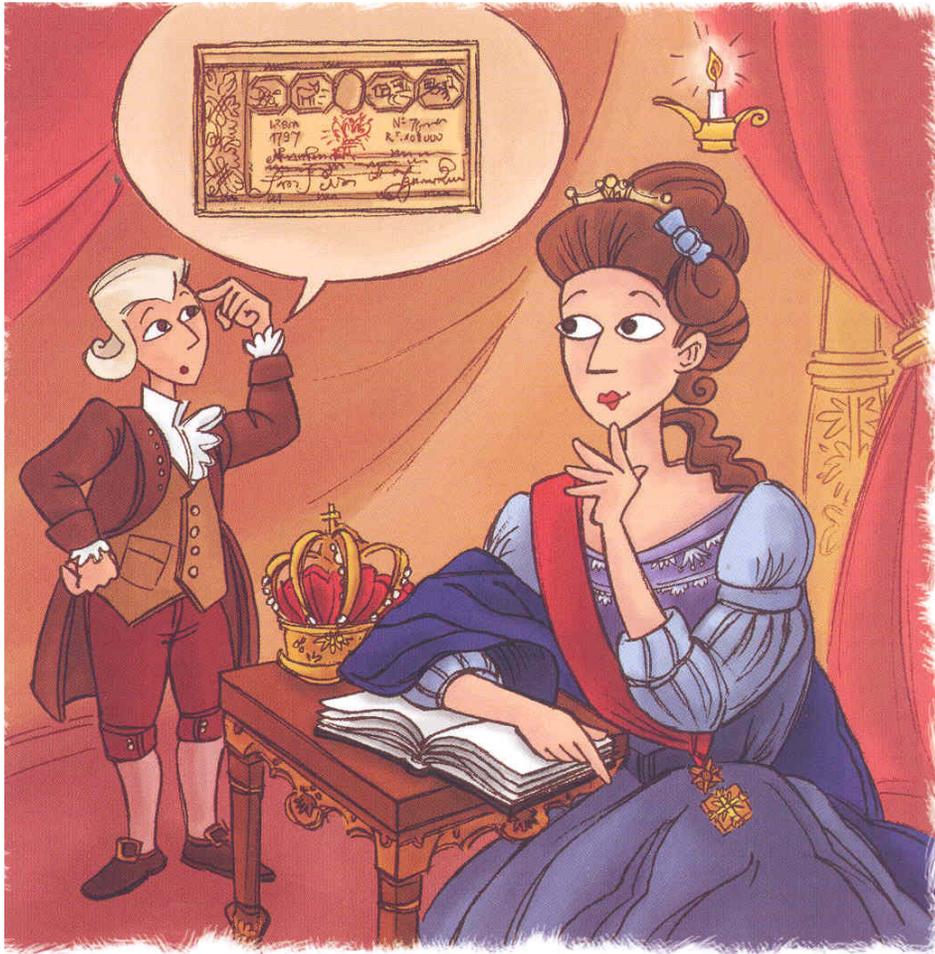


# A Rainha, o guarda do tesouro e o papel que valia muito ouro



Há muito, muito tempo atrás, havia uma rainha que governava um reino chamado Portugal. Essa rainha chamava-se D. Maria I e como até tinha acabado de entrar numa guerra contra os franceses, o reino de Portugal não tinha dinheiro. A rainha

andava cheia de dores de cabeça e não sabia o que havia de fazer para arranjar dinheiro.



Junto da rainha estava sempre um ajudante. Era ele que tomava conta do Tesouro Real. Por isso, chamava-se "Tesoureiro Real". Só que nesta altura, o Tesouro Real, que também se chamava "Real Erário", estava vazio. Não havia lá moeda nenhuma. Nada! A rainha D. Maria I estava muito, muito aflita. Todos os dias pensava: "Como hei-de fazer?". Um dia, o Tesoureiro teve uma ideia fantástica. E disse: "Alteza, já sei

como vamos arranjar dinheiro.". A rainha, muito admirada, nem queria acreditar no que ouvia. "Ai sim? Então que propões, ó meu Tesoureiro Real?", perguntou ela. "Majestade, vamos pedir dinheiro emprestado, a quem puder emprestar".

A rainha achou a ideia genial e quis logo pô-la em prática. Mas o tesoureiro disse: "Calma, calma, majestade. Não podemos só pedir emprestado. As pessoas que nos emprestarem o dinheiro

têm de ter a certeza que depois pagamos. Se não, ninguém quer emprestar nada”.

“Claro, disse a rainha D. Maria I, mas...como havemos de fazer?”.

O Tesoureiro pensou, pensou e... de repente, teve outra ideia. “Já sei! Escrevemos num papel o nome da pessoa que nos emprestou o dinheiro, a quantidade do dinheiro emprestado e prometemos que lhe vamos pagar daqui a um ano!” D. Maria I concordou.

Mas disse mais: “Acho que devemos dar um prémio a quem empresta, não achas, Tesoureiro?”.

“Sim”, disse o Tesoureiro, “Podemos fazer o seguinte: quando pagamos, devolvemos o dinheiro e damos mais algum.”

“Boa ideia. Acho justo. Esse dinheiro a mais vai-se chamar “juro””, declarou a rainha.

Assim foi. O Tesoureiro fez um papel muito bonito, com desenhos lindos e escreveu:

*«No Real Erário se há-de pagar ao portador desta Apólice de hoje a um ano dez mil reis com o seu competente juro Lisboa 20 de Outubro de mil setecentos e noventa e sete.»*





A rainha achou tudo bem. E disse "Só falta uma coisa. Como havemos de chamar a estes papeis? Notas?".

"Não, não", disse o Tesoureiro, "Vamos chamar Apólices do Real Erário" porque é o real erário que vai escrever os papeis e pagar o dinheiro, e anda, pagar juros. As notas não pagam juros, não lhe podemos chamar notas".

Assim apareceram as Apólices do Real Erário - o primeiro dinheiro de papel em Portugal!

O que fez a Rainha com tanto dinheiro? Olha para estes desenhos da Apólice e descobre!

Servimos para guardar vinho. Quando as videiras derem uvas maduras, a uva há-de ser colhida. A uva que não for para a mesa há-de ir para o lagar, onde será transformada em vinho. E o vinho será guardado dentro de nós! Somos pipas.



Estou a lavrar a terra com um arado e um boi. Preparo a terra para depois a semear. Daqui a uns meses hei-de colher centeio, trigo e milho. O moleiro há-de levar os grãos de cereais para fazer farinhas no seu moinho. O padeiro há-de transformar as farinhas em pães.



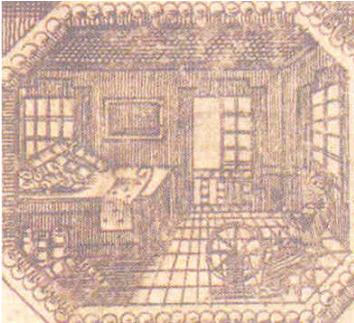
Estou a ordenhar a vaca. Do leite deste vaca hei-de fazer queijos e manteiga. E leite creme!

Sou um cavalo. Tenho tanto espaço para correr que até me sinto selvagem. Tenho

puxado muitas carruagens (ainda faltam muitos anos para serem inventados os automóveis!).



Estou aqui sentada a cozer uma rede de pesca. Estamos a puxar as redes. Temos que arrumá-las. Amanhã, partiremos de novo para o mar a pescar.



Estou a fiar linho. Uso uma roca. Vou transformar estes grossos pedaços de linho em fio. Com o fio vou tecer um tecido no tear. E desse tecido hei-de fazer dois lençóis e uma camisa.

Chamo-me Apólice do Real Erário!

Sou feita de papel e tintas.



Fui desenhada e copiada numa prensa em Lisboa.

**Esta apólice foi passada no dia 20 de Outubro de 1797. Há mais de duzentos e dez anos!**

**Que relação existe entre os desenhos das vinhetas e a função desta Apólice?**

Nas vinhetas estão desenhos relacionados com as principais atividades económicas da época. No final do século XVIII, era na agricultura, na pecuária, na pesca e na tecelagem que a maioria das pessoas trabalhava. Os frutos desse trabalho permitiam, por um lado, que as pessoas ganhassem dinheiro para viverem e, por outro, que quanto maior fosse a sua produção, mais ativos fossem o comércio e a indústria e, portanto, mais dinheiro entrava no real erário. Ora, através de apólices como esta, a Rainha D. Maria I conseguiu reunir dinheiro para estimular as várias atividades económicas e o aumento da produção permitiu juntar o dinheiro suficiente para pagar juros aos detentores das apólices.

**Repara agora nas diferenças!** Cada vinheta tem duas diferenças, vê se as descobres as oito diferenças presentes nestas quatro vinhetas!

